

onomástico e analítico. *Max Weber – a política e o espírito da tragédia* – constitui ensaio inteligente e penetrante sobre um dos mais notáveis entre os cientistas sociais e pensadores do nosso século, de interesse não só a sociólogos e cientistas políticos, mas, do mesmo modo, a quem quer que pretenda entender a cultura transnacional instaurada com o advento do moderno capitalismo industrial.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. *A água e o homem na Várzea do Careiro*. 2. ed. Belém: Fundação Museu Goeldi, 1998. 330 p. 2v., mapas.

Andou bem a Fundação Museu Goeldi em publicar, decênios após sua apresentação, a tese do geógrafo Hilgard O'Reilly Sternberg sobre uma área da Amazônia, *A água e o homem na Várzea do Careiro*.

Mais que uma monografia sobre um pedaço da Amazônia, a tese de Sternberg é demonstração de uma metodologia, do muito que nos pode dar a aplicação sistemática das técnicas e conhecimentos acumulados nas modernas ciências da terra e do homem. Do autor pouco se precisa dizer. Professor em Berkeley, em várias universidades européias e norte-americanas, pesquisador e erudito, Hilgard Sternberg participou da geração que viu a geografia transformada da disciplina apagada e pitoresca do ginásio, pela ação e pregação de mestres franceses, em verdadeira ciência. Incorporou-se, desde os bancos da Faculdade de Filosofia, ao grupo de geógrafos que iriam abrir novos rumos à ciência no Brasil, – Fábio Macedo Soares, Nilo Bernardes, Lysia Maria Bernardes, Miguel Alves de Lima, Pedro Pinchas Geiger e, tantos outros que criaram o desfeito Conselho Nacional de Geografia e deixaram sua marca no livro e no mapa.

O livro se divide em três partes principais, além da introdução metodológica: (a) a água e o produto de sua atividade geomórfica – a terra; (b) o povoamento e (c) a atividade criatória. Completam-no inúmeras fotografias e mapas que apuram nossa compreensão da área e sua inserção no contexto amazônico. O texto reflete anos de pesquisa, primeiro em contato direto com a região, a pé, de barco, até de canoa, pelos rios e igarapés da região. Sternberg, em sua pesquisa, lançou mão dos mais sofisticados recursos – a fotografia por satélite, o carbono 14, o computador. Lembra, porém, que

“todo esse instrumental nada mais é que ancilar.” Não substitui o campo “locus por excelência de seus trabalhos”.

No momento em que as ciências sociais, na trilha dos saberes da natureza, descobrem e abraçam num entusiasmo às vezes juvenil, certas técnicas de ponta, Sternberg que as pratica, faz uma advertência cauta: “A despeito do novo equipamento, uma das tarefas próprias do ofício continua a ser a de estabelecer a equivalência entre, de um lado, os informes provenientes de múltiplas fontes ... e, por outro, a verdade no chão que se pisa”.

A geografia que pratica não é produto esquizofrênico do devastador nominalismo que hoje ameaça fragmentar o mundo científico em comportamentos estanques cujos especialistas tapam os ouvidos ao diálogo; mas um somatório de técnicas que se encontram no objeto, na sua necessidade última de revelação e desvendamento. Daí apelar, desde seu prefácio para uma visão holística do campo de estudo, algo mais que a simples e sovada integração interdisciplinar, entregue a caprichos subjetivos.

A Amazônia, – na ótica desse geógrafo que usa as técnicas mais avançadas, mas que palmilha a várzea de bússola em punho, – é um conjunto de terra e água, mais água que terra, e onde a paisagem resulta dos fatores naturais mas é também produto da ação teimosa, do efeito formiga, do ser humano, de técnicas artesanais, de ferramentas simples – o remo, a enxada, o machado e – ai de nós – o humilde fósforo que ateia as grandes queimadas.

Seguindo pela calha dos rios, viu esse continente, através da amostra do Careiro, como resultante da dualidade várzea e terra firme, realidades geográficas distintas que ditam atividades e gêneros de vida diferentes. Em tudo isso há um ritmo criado pela enchente anual que rouba e cria barrancos, erode e assoreia, num trabalho surdo, às vezes lento, às vezes espetacular e catastrófico, aluindo casas e plantações à beira-rio.

Sensatamente, Sternberg prefere falar em “fatores de ordenação da paisagem” em vez de alinhar sedições “determinantes” de ação humana, cujo valor explicativo já deu o que tinha de dar.

A importância da água salta aos olhos. No título do trabalho vem antes da terra, o que é expressivo. O homem, aí, é aquático, é um bípede anfíbio, patinando na água dos igarapés, na lama das lagoas, sempre de olho no rio que baixa levando-lhe o sustento, ou sobe, ameaçando a casa palafita, submergindo suas plantações. Na vazante o caboclo planta, nas cheias aproa a canoa para os pesqueiros fervilhantes. É a água, ora clara, ora escura que

leva ou filtra preciosos sedimentos, transporta o solo rico ou lhe retira a fertilidade. Essa água introduz na vida humana tensão permanente, trazendo-lhe riqueza ou miséria. A água escura é estéril, a água limpa – alimenta.

“Água botou, água tirou” – nesse dito local resume-se o ritmo cósmico que Euclides sintetizou na “inconstante turbulência”. A erosão permanente dos rios traz o fenômeno da “terra caída”, além de depositar sedimento nas praias modelando, como escultor paciente, a curva remansosa dos cursos d’água. Em tudo, altera o relevo, amacia barrancos, modifica a demarcação das propriedades, exigindo do topógrafo uma visão subaquática, um teodolito que tenha algo de periscópico. Daí conflitos infundáveis, infinitas disputas que vão engrossar processos nos cartórios.

Nada de parecido com o Nordeste. Daí pode se imaginar as dificuldades de adaptação do cearense, homem de terra árida, migrante impenitente afeito ao lombo do jegue, aqui montado na canoa indígena. No entanto, a Amazônia de hoje é um produto desse cearense.

Longe estamos das interpretações românticas da Amazônia, das visões literárias e superficiais que fazem a moeda corrente da mídia. As conclusões da monografia de Sternberg se alicerçam na disciplinada observação, na rigorosa cronologia baseada no carbono 14 que, aplicado à cerâmica indígena rende dividendos na datação do povoamento.

As pegadas do homem repetem no chão humoso o ciclo das atividades, desde a coleta precária e aventureira até a agricultura nômade, depois sedentária, na várzea enfim apropriada e demarcada, mais tarde na pecuária transumante. A ocupação desordenada se transforma em colonização quando o Governo intervém na distribuição dos lotes e, sabiamente, os proporciona ao tamanho das famílias; e os limita, evitando quando pode, o crescimento desmarcado do latifúndio. *Small is beautiful.*

Lição esta que se aprende nas entrelinhas. O que distingue a colonização da mera ocupação é que, naquela, nada deve ser deixado ao acaso, à inércia dos fatores naturais. Até a disposição linear das habitações, como demonstraram em outras regiões Waibel e Lynn Smith, elemento de solidariedade, de formação consistente de vizinhanças e comunidades rompendo o isolamento do homem e que, nesse continente, é mortal.

Vêm se preocupando as autoridades com a integração da Amazônia. Sobre isso, em função dessa retórica, lançou-se o mais delirante desenvolvimento, montaram-se burocracias faraônicas, abriram-se estradas

ambiciosas hoje devoradas pela mata ou reduzidas pelas chuvas a pegajosos lamaçais.

Esse mesmo desenvolvimento criou a Zona Franca de Manaus, hoje de melancólica sobrevivência. A idéia era gerar empregos, indústrias, riquezas sem fim. Enriqueceu, sem dúvida, meia dúzia de famílias, estimulou o contrabando, gerou alguns empregos, mas produziu efeitos perversos. Numa região com as características e vocações da Amazônia, criou, em torno das cidades, uma suburbanização artificial, uma favelização de tipo fluvial ou lacustre, não menos deprimente que a de terra firme. Na competição ecológica que atravessa a periferia de muitas cidades brasileiras, entre o pasto e o campo de pelada, este parece ter vencido, para lucro e ufanía de muitos.

Não é o caso do Careiro em que a Zona Franca ao suburbanizar os magros núcleos urbanos da região drenou população retirando-a da atividade agropecuária ou da pesca, secou artesanias, acarretando empobrecimento social, econômico e cultural. Tudo isso está bem analisado no estudo de Hilgard Sternberg.

Dizer, portanto, que se trata de monografia ou tese geográfica é dizer pouco. Nessas densas páginas se comprimem conceitos e dados de várias ciências – geologia, arqueologia, ecologia, sociologia – cada uma iluminando a seu modo um aspecto da realidade viva que é a várzea do Careiro e o homem que a habita, suas práticas e vivências, amostra válida do continente amazônico. Esse estudo contrasta melancolicamente com o trabalho isolado e empírico de tantos indivíduos e instituições, que desassistidos de um espírito de equipe e de um conceito mais amplo de ciência, atolados na burocracia mais que na lama dos igarapés, não conseguiram trazer-nos uma visão coerente e precisa dessa desativadora região.

É de lembrar que Gilberto Freyre, anos atrás, preocupado com esse mesmo problema, chegou a criar um núcleo do Instituto Joaquim Nabuco na Amazônia. Levaria até lá o benefício da pesquisa interdisciplinar e a cooperação de especialistas de outras regiões brasileiras. Chegou a promover, em empreendimento que atesta sua visão e seu pioneirismo – um seminário em Manaus que congregou historiadores, sociólogos, juristas, representantes de entidades de todo o país.

Na impressionante bibliografia reunida por Hilgard Sternberg, ao fim de seu trabalho, aparecem estudos em várias línguas da pena de cientistas europeus, latino e norte-americanos sobre a Amazônia. É de esperar que essa colaboração, pedida e anunciada pela monografia de Sternberg, continue,

mais intensa e assídua, numa conquista da Amazônia, muito diversa da que proclamam os discursos patrioteiros e vazios, uma conquista pelo conhecimento, a competência e a técnica de brasileiros como Hilgard Sternberg. Desses estudos é que tomará forma, contra lendas e crendices, a verdade do chão, – a revelação da Amazônia, não mais distante e misteriosa, mas próxima e verdadeira.

José Arthur Rios
Universidade de Santa Úrsula
Faculdade de Direito